

27 AGO 1988

ANC P2

Modernos, antiquados

ESTADO DE SÃO PAULO

LUIZ CARLOS LISBOA



Alguém já definiu os ciclos históricos como categorias de interpretação da História. O que quer que isso tenha a ver com a realidade do homem comum não chega a ocupar os pensamentos daqueles que, em países como o Brasil, são profissionais da vida pública, sonham fazer carreira e, minoritariamente, em "fazer História".

O que o mundo sente e pensa a respeito dessas questões não é indiferente ao político brasileiro, que acompanha sempre as tendências e tudo aquilo que a cultura ocidental irradia, com um atraso que seria até romântico pelo seu aspecto naïf, se não fosse lesivo, à vida de um país que não está isolado na Via-Látéea, mas vive inserido num planeta que é, afinal, um sistema de vasos comunicantes.

No guarda-roupa, nos espetáculos eletrônicos e na música popular, somos rápidos e atualizados, pegando na unha a fashion da véspera em Nova York, Paris e Frankfurt. Na ciência política, na economia e na administração, exceto quanto a um punhado de bravos que clamam no deserto, fazemos o que o Rip Van Winkle do folclore norte-americano fez: acordamos de um longo sono e procuramos um tãburi no trânsito louco de uma cidade moderna.

Brasília é uma cidade do presente, habitada por homens do passado. Isso explica o clima artificial criado na sua grande esplanada, nos seus castelos moderninhos, nos espaços abertos sub sole, debaixo de um céu imenso, com vagos carneiros brancos flutuando sobre nossas cabeças. Os velhos e jovens Rips que, desembarcados do seu sono secular, falam uma linguagem do tempo em que adormeceram estão dando os últimos retoques na Carta geral que vai comandar o futuro da Nação. São homens do seu tempo — seu deles, naturalmente —, preocupados em preservar o País de perigosos invasores estrangeiros, zelosos de riquezas naturais que devem ficar guardadas no fundo da terra até que a humanidade rica e ambiciosa lá de fora tome juízo. Os homens públicos brasileiros deviam usar colete, polainas e sobrecasaca, mas nessa matéria eles são bem contemporâneos do resto do mundo, e vestem-se para o jogging e o coquetel com propriedade. Pena que não pensem seu país com propriedade, como é fácil ver nos debates dessa Assembleia Nacional Constituinte que já vai ultimando seus trabalhos.

Os legisladores preparam-se para pousar suas penas de ganso ao lado do tinteiro de prata. Em pouco, vão espalhar pó secante sobre as assinaturas desenhadas com capricho, e em seguida vão procurar no bolso do relógio a caixinha de rapé. Cumprida sua missão na capital federal,

devem seguir de carruagem para a Corte, onde cuidarão das eleições (feitas a bico de pena, certamente) que se avizinham, razão principal das suas preocupações.

O anacronismo comovente desses "hábeis homens públicos" pode ser um perigo para eles próprios, na medida em que o eleitorado contemporâneo (o povo está vivo no presente, sofrendo aqui e agora, com a paciência do que é eterno) pode perfeitamente esmagá-los nas urnas, um a um. E o que fariam esses homens antigos sem um mandato? Que sabe fazer na vida um político profissional, por exemplo, que envelheceu nos conchavos, nas mesas de restaurantes caros, na "verbalização" da realidade? Seria fascinante ver desempregadas as velhas raposas, as do PSD e as do PSDB, ou de que sigla forem, sem qualquer habilitação para sobreviver honradamente, no olho da rua.

O modo como os srs. constituintes estão votando o que falta ser votado na futura Carta é fascinante. Todo assunto de interesse nacional (como os fundamentos da República, a questão social e trabalhista, o futuro econômico do País) é resolvido a toque de caixa, no prazo combinado na mesa da poire, tendo em vista a liquidação rápida dessa maçada dos diabos que é o trabalho em Brasília. Já o que diz respeito aos interesses pessoais e à carreira dos políticos profissionais que controlam nosso destino, isso é deixado para depois porque há muito que negociar, há muito que regatear. Política é isso, pensam eles, e o resto são os interesses chatíssimos da Nação, que se podem arrumar de qualquer modo, sem prejuízo da campanha eleitoral nos Estados e a doce vida dos comes e bebes políticos e ideológicos, que ninguém é de ferro.

Dentro das mentes arcaicas, o mesmo velho filme gasto e as fitas gravadas do progressismo nacionalista, do internacionalismo social-democrata, do paraíso agora, sem preço, sem trabalho, sem esforço, em troca de votos que mantêm a vida mansa dos "carismáticos". O sonho arquetípico brasileiro que ressurge em nossos dias é o de colocar esses malandros no desvio, para que tenham tempo de ruminar seu anacronismo e tomem conhecimento do que está acontecendo no resto do mundo.

Esses marqueses e viscondes que estão elaborando uma Carta Imperial para o Brasil do ano 2000 nada sabem ou sabem muito pouco sobre a maneira como outros países, alguns com problemas parecidos com os nossos, estão resolvendo a questão da miséria, estão diluindo o descontentamento (pobres políticos, sem sua matéria-prima), estão chegando à democracia econômica, tão ou mais importante do que a democracia política. Os ciclos tardios da vida pública brasileira serão responsáveis pelo atraso deste País nos próximos dez anos. Seus patrocinadores podem ser considerados hoje os modernos mais antiquados do mundo. E nós, Deus seja louvado, no meio disso tudo.

Luiz Carlos Lisboa é jornalista e escritor.

ANC X